

**NEOLIBERALISMO EM TEMPOS DE CRISE: BREVE RELATO SOBRE O CANAL
O PRIMO RICO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19**

**NEOLIBERALISM IN TIME OF CRISIS: BRIEF REPORT ON THE CHANNEL O
PRIMO RICO (THE RICH COUSIN) IN THE CONTEXT OF THE COVID-19
PANDEMIC**

Matheus Santiago Gonçalves¹

RESUMO

Este trabalho analisa a produção do canal de educação financeira do *YouTube* *O Primo Rico* no ano de 2020, com o intuito de observar a maneira como o conteúdo neoliberal do canal foi impactado pelo contexto de crise sanitária global causada pela pandemia da Covid-19. Entendendo o neoliberalismo como *racionalidade governamental* que mobiliza a existência dos sujeitos pelos princípios do capital, o contexto atual descrito por alguns estudiosos como *midiatização* tem potencializado o papel dos meios digitais de comunicação como ferramenta no processo de construção da subjetividade neoliberal na sociedade. A análise da produção do canal identifica uma percepção conformada acerca das contradições do capital que percebe nos momentos de crise uma oportunidade para o enriquecimento pessoal.

Palavras-chave: Neoliberalismo; Midiatização; Internet; Educação Financeira; Covid-19.

1 Mestrando em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho Unesp Bauru. goncalvesmatheus86@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-9404-8085>.

ABSTRACT

The present study intends to analyse the production of the financial education medium *O Primo Rico* (The Rich Cousin) on *YouTube* during the year of 2020, aiming at observing how the neoliberal content of the channel was affected by the global sanitary crisis caused by the Covid-19 pandemic. By understanding neoliberalism as the *government rationality* that brings the subject to existence by means of the principles of the capital, the present context described by some scholars as *mediatization* has increased the role of the digital means of communication as a tool in the process of building a neoliberal subjectivity in society. The analysis of the production of the vehicle pinpoints a shaped perception concerning the incongruities of the capital that spots, at crisis moments, opportunities for personal moneymaking.

Keywords: Neoliberalism, Mediatization; Internet; Financial Education; Covid-19.

INTRODUÇÃO

O governo brasileiro comemorou recentemente a notícia da queda no índice de desemprego para 9,8%, o menor no país desde 2016². Os dados são positivos e merecem ser lembrados, contudo convivem com o aumento de 60% da população em condição de insegurança alimentar, ultrapassando 60 milhões de pessoas³. Além disso, o aumento da pobreza e a queda do valor médio da renda para os piores níveis, desde que esses dados passaram a ser coletados⁴, fecham um cenário bastante contraditório e de poucas celebrações. As causas de números tão discrepantes são diversas: as dificuldades econômicas criadas pela pandemia da Covid-19, a recente guerra na Ucrânia e, também, a instabilidade e ineficiência em muitos aspectos do governo federal. Contudo, se aumentam o número de empregos e, simultaneamente, a pobreza, é preciso refletir sobre a qualidade dos postos de trabalho gerados e, num âmbito mais amplo, acerca do modelo econômico praticado no país.

A atuação das políticas neoliberais no Brasil se intensificou com a crise do modelo social-liberal dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT). Com a queda da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, seus sucessores aplicaram reformas que afetaram diretamente o universo do trabalho e, conseqüentemente, a qualidade de vida dos trabalhadores. Dentre as mudanças destaca-se a reforma trabalhista de 2017, votada no governo Michel Temer, que consiste em um pacote de mais de 100 alterações em prol da flexibilização das relações de trabalho e da redução dos empregos com registro em carteira. Essas medidas têm sido impulsionadas pelo

2 Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) noticiados pelo portal G1 no dia 30/06/2022. Contudo houve um decréscimo de 7,2% no valor médio dos salários, além de um aumento de 23,6% dos postos ocupados sem carteira assinada.

3 Dados da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) divulgados em 06/07/2022.

4 Aproximadamente 63 milhões de pessoas no Brasil são pobres. A fonte é uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) sobre dados do IBGE, divulgados no Jornal Nacional do dia 29/06/2022.

sucesso das *startups*, empresas que atuam em um cenário de *plataformização* e, conseqüentemente, precarização do trabalho, caracterizado pela redução dos salários, menos direitos e menor segurança no emprego⁵.

Tal conjuntura estimula a reflexão sobre o neoliberalismo, suas características e os impactos de sua política sobre a sociedade. Apesar da amplitude do conceito, de modo geral, denomina-se neoliberal o conjunto de políticas que privatizam a propriedade e os serviços públicos, reduzem radicalmente o Estado social, flexibilizam o trabalho e desregulam o capital (BROWN, 2019, p.29). O estudo dessas características da economia política é bastante observado pelos pensadores marxistas, que percebem no fenômeno uma adaptação do Estado para servir melhor aos interesses do capital em detrimento de formas sociais mais igualitárias de organização social⁶.

Afastando-se das análises marxistas, existem, também, os estudos de Michel Foucault sobre o neoliberalismo. Para o pensador francês o fenômeno neoliberal está relacionado ao estudo das estratégias de exercício do poder, que é *biopoder*, a saber, controle sobre os corpos, sobre as subjetividades das pessoas. Dessa forma o neoliberalismo é entendido como uma *racionalidade governamental*, uma lógica de domínio das subjetividades pautada pela utilização das normas de mercado como princípios de conduta nas mais diferentes esferas da vida⁷ (DARDOT; LAVAL, 2016).

Para a construção de uma “subjetividade neoliberal”, contribuem um conjunto amplo de instituições, saberes e práticas e a comunicação é vista como um

5 Sobre o tema da precarização do trabalho relacionada ao avanço de “empresas digitais” no cenário atual, a obra *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0*, organizada por Ricardo Antunes, traz diversas análises e estudos de caso elaborados por autores brasileiros e estrangeiros.

6 István Mészáros, Richard Sennet, François Chesnais, David Harvey, Giovanni Alves e Ricardo Antunes são apenas alguns nomes que compõem esse grupo.

7 É importante destacar que as duas análises não são excludentes. Pensar o neoliberalismo como uma “racionalidade governamental” em prol dos valores de acumulação do capital, não elimina as características do Estado neoliberal, e sua subserviência ao mercado, apontadas pelos intelectuais marxistas.

instrumento cada vez mais importante, especialmente devido à expansão vertiginosa dos usos das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na sociedade contemporânea. A ampliação dos aparelhos eletrônicos ligados à internet e seus usos tem fomentado a produção acadêmica sobre o desenvolvimento tecnológico das mídias, seus efeitos nos processos comunicacionais e impactos na sociedade como um todo. Alguns estudiosos descrevem o fenômeno com certo entusiasmo, como é o caso de Henry Jenkins (2009), que analisa essas mudanças para além do seu aspecto técnico, identificando os aspectos culturais da transformação em curso, com ênfase no seu potencial democratizador. Outro viés de análise mais crítico ressalta a cooptação desses veículos pelo mercado, que, com o passar do tempo, tem ordenado o seu funcionamento. Sob essa perspectiva, convergência mesmo é aquela do capital sobre produtores de conteúdo independentes e corporativos que, de modo geral, buscam por lucros (PRIMO, 2010).

Observando a produção de informação sobre temas ligados a economia e o mundo do trabalho na internet, percebe-se que a maior parte do conteúdo aborda o assunto de maneira instrutiva. É o caso do canal de *YouTube O Primo Rico*, criado em 2016, pelo consultor de investimentos Thiago Nigro. Com uma linguagem informal, um pouco de humor e, sempre atento às interações do público, sua produção aborda temas como investimentos, análise econômica, princípios para o sucesso profissional entre outras questões do gênero. Ao mesmo tempo em que ensina sobre finanças, Nigro apresenta sua cosmovisão neoliberal, que orienta as decisões pessoais a partir de critérios econômicos, avaliando perdas e lucros.

Diante dessa abordagem, quais seriam as lições de Thiago Nigro em um contexto econômico tão desfavorável como foi o ano de 2020, em meio à tragédia da pandemia da Covid-19? Tal catástrofe teria o poder de colocar em xeque alguns dos princípios capitalistas? Ou é normal, e até necessário, pensar em enriquecimento e sucesso pessoal em meio a um cenário tão funesto? Utilizando a concepção de

neoliberalismo de Michel Foucault, é possível inserir o canal dentro de uma tecnologia de *governamentalidade* neoliberal e a observação dos vídeos produzidos nesse período crítico permite ilustrar a resposta do neoliberalismo acerca do comportamento ideal diante da maior tragédia sanitária dos últimos 100 anos. Como metodologia de análise foram empregadas a *análise de conteúdo*, de Laurence Bardin e, também, a *hermenêutica de profundidade* do britânico John B. Thompson.

O texto divide-se em quatro partes: primeiro uma apresentação do conceito de neoliberalismo sob os contornos da obra de Michel Foucault, destacando sua conotação disciplinar e política; depois uma caracterização acerca da comunicação na esfera digital sob uma perspectiva crítica que traz alguns de seus impactos sobre a sociedade; em seguida uma breve análise dos vídeos produzidos pelo canal de *YouTube O Primo Rico* no ano de 2020 e, por fim, alguns apontamentos sobre o papel do pensamento crítico, para a produção de uma mídia digital que seja contra-hegemônica e contribua com o desenvolvimento social.

NEOLIBERALISMO: PARA ALÉM DO ECONÔMICO

O termo “neoliberalismo” foi utilizado pela primeira vez em 1938 durante o Colóquio Walter Lippmann, uma reunião de acadêmicos em Paris que lançou as bases político-intelectuais daquilo que mais tarde se tornaria a Sociedade Mont-Pelerin. Participaram do evento alguns dos principais nomes do pensamento liberal no século XX, tais como Ludwig von Mises, Friedrich Hayek, Alexander Rustow, Wilhelm Ropke, Jacques Rueff e Raymond Aron. Suas ideias postulavam contra qualquer forma de intervencionismo que afetasse a livre concorrência na economia, além da crítica do coletivismo, típico das sociedades daquela época. Para isso os teóricos do neoliberalismo propunham a substituição de um governo pautado pela “vontade geral” por um formato tecnocrático, regido por regras econômicas que

buscassem a preservação do sistema concorrencial. Esse seria o caminho para o progresso dos países (DARDOT; LAVAL, 2016).

Os pensadores neoliberais sabiam que a transformação dependeria de uma mudança nos cidadãos e educá-los para viver sob o regime da livre concorrência constituiria uma das tarefas do governo. Atento a esse fenômeno, e estudioso dos processos de subjetivação do sujeito, Michel Foucault vai tratar do tema em seus trabalhos no *Collège de France*. É a partir da perspectiva política do filósofo francês, que este trabalho pretende abordar o conceito de neoliberalismo⁸.

Foi estudando sobre diferentes formas de exercício do poder nas sociedades, que Michel Foucault se deparou com o tema do neoliberalismo. Seus estudos sobre o assunto decorrem da investigação dos processos de subjetivação do sujeito, ou seja, das estratégias de normatização dos comportamentos humanos para organização social. Percorrendo esse caminho, o pensador francês desenvolve a noção de *biopolítica*, indicando o controle sobre os corpos, sobre o comportamento dos seres humanos nas mais diferentes atividades de sua vida. Tal domínio é possível através da aproximação entre saber e poder. A produção do conhecimento por parte dos intelectuais de uma sociedade não apenas explica, mas, também organiza a sociedade a partir de normas. Ao analisar o exercício do poder através das regras, Foucault busca por formas menos evidentes de controle. Em sua obra *O Nascimento da Biopolítica*, utiliza o termo *governamentalidade* para tratar da gestão da população utilizando dispositivos menos repressivos. Tais mecanismos podem ser substituídos por outros, propositivos, que orientam formas de conduta sugerindo comportamentos aos sujeitos a partir dos seus interesses, que são estabelecidos socialmente (FOUCAULT, 2008).

Ao optar pelo conceito de *governamentalidade*, Foucault afasta-se de

⁸ Além do pensamento de Michel Foucault sobre o neoliberalismo descrito em *Nascimento da Biopolítica*, os trabalhos de Christian Laval, Pierre Dardot e Wendy Brown, pautados pelas ideias do intelectual francês, foram utilizados nesse trabalho.

fundamentações metafísicas e, ainda, consegue explicar o paradoxo do exercício do controle em uma sociedade fundamentada na liberdade, como é o caso das sociedades contemporâneas. Sua teoria também se distancia da dialética marxista, preferindo o termo estratégia para tratar do conjunto de conexões possíveis dentro de um contexto complexo e heterogêneo de aplicação do poder. Christian Laval, estudioso do pensamento de Foucault na contemporaneidade, sintetiza a questão da *governamentalidade* da seguinte forma:

[...] seu ponto de partida consiste em indexar a gestão da população, colocada como característica principal da política moderna, junto a uma racionalidade governamental fundada sobre a manipulação dos interesses pela própria organização da liberdade econômica dos mercados e pelo jogo dos preços. A *biopolítica* não pode ser compreendida senão por seu lado operativo, e esse lado operativo é, precisamente, a governamentalidade, ou seja, o governo dos homens por seus interesses. (LAVAL, 2020, p. 49)

A ideia de *governamentalidade* está aliada à construção de uma racionalidade que possibilita o controle das pessoas “por elas mesmas”, por sua razão, que está sujeita aos princípios do mercado. O novo governo dos homens alcança seus pensamentos, dando novo sentido à palavra vigilância. Isso não significa dizer que o processo ocorre perfeitamente e sem resistências, pois elas existem. Contudo, é na subjetivação normativa que reside o principal componente da sua sustentação (LAVAL, 2020)⁹.

Influenciados pelas ideias de Michel Foucault, os intelectuais franceses Pierre Dardot e Christian Laval, fizeram uma rica descrição acerca do “sujeito neoliberal” em nossa sociedade no livro *A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Escrito em 2009, a obra trata do modo como o neoliberalismo

9 Segundo a análise de Christian Laval, ao revelar os processos que envolvem a construção das normas e subjetividade neoliberal, Foucault vê a possibilidade de sua superação, que segundo o próprio autor, seria a sua substituição por outros mecanismos normativos menos vis (LAVAL, 2020, p.147)..

transformado em subjetividade tem afetado radicalmente a sociedade contemporânea. Sobre as características dessa transformação do sujeito orientado pelo neoliberalismo, eles dizem:

[...] a racionalidade neoliberal produz o sujeito de que necessita ordenando os meios de governá-lo para que ele se conduza realmente como uma entidade em competição e que, por isso, deve maximizar seus resultados expondo-se a riscos e assumindo inteira responsabilidade por eventuais fracassos” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 328).

O trecho acima destaca o aspecto da sociedade neoliberal de homogeneização dos discursos acerca do ser humano que o definem como *homem empresa*¹⁰. Deste modo, a sociedade é vista como um grande mercado em que todas as pessoas vivem em concorrência e são regidas por leis econômicas. O sujeito inserido nesse cenário competitivo torna-se, então, o responsável pelo seu sucesso ou por seu fracasso e, por isso, deve ajustar-se da melhor maneira possível para tornar-se bem sucedido (DARDOT; LAVAL, 2016, p.325).

Em vista disso, termos como produtividade, eficiência, iniciativa, proatividade, ambição, cálculo e concorrência passam a orientar as pessoas em um esforço de autocontrole na busca pelo sucesso pessoal. Como o êxito é medido em termos fundamentalmente econômicos, para vencer, o sujeito deve alinhar seus projetos particulares com os objetivos profissionais em um estado de alienação que intensifica o processo de reprodução do capital no planeta. As alterações no funcionamento do Estado contribuem para facilitar a transformação dos sujeitos, em um ordenamento que reforce os princípios neoliberais e a insegurança econômica das sociedades contemporâneas, fruto de um capitalismo cada vez mais convulsionado em crises financeiras internacionais, que atua como verdadeira “seleção natural”, afastando os mais aptos daqueles com dificuldades em ajustar-se

10 *Sujeito empresarial, sujeito neoliberal, neosujeito* são outros termos citados pelos autores.

ao novo cenário global¹¹.

É importante destacar que o discurso hegemônico em prol do *homem empresa* suprime a falácia que consiste a livre concorrência e a meritocracia dentro do sistema capitalista. Ignorando os grandes oligopólios que controlam os principais recursos do planeta com a sustentação do próprio Estado e a superexploração do trabalho, insiste-se em suas promessas de recompensas para aqueles que agem com o esforço, disciplina e autocontrole. Novamente cabe ao sujeito, e a ele somente, a responsabilidade por sua condição social de sucesso ou fracasso.

A sofisticação desse modelo consiste na produção de um modo de governar baseado nos próprios interesses das pessoas, em um processo interno, de autovigilância, de autoavaliação constante. O sujeito transformado em *self-made man*, ou empreendedor, mobiliza a disciplina individual em um esforço pessoal para alcançar as próprias metas. Quem trabalha, aparentemente não o faz para outrem, mas para si, para, de alguma forma, satisfazer os próprios desejos e a recompensa vem para aqueles que “provam o seu valor”. Portanto não se trata de abnegação, de sacrificar os próprios interesses em benefício de alguém ou algo maior, mas do seu contrário, de se esforçar para a realização das vontades pessoais em um esforço que acentua o individualismo como norma de conduta (DARDOT; LAVAL, 2016, p.334).

A propagação desses valores entre a população requer uma sofisticada rede de dispositivos. Atuam conjuntamente várias instituições sociais que foram cooptadas pelo mercado e os meios de comunicação também compõem essa “arquitetura normatizadora”. Fernanda Bruno, pesquisadora da área da Comunicação, estuda as relações entre tecnologia midiática e a construção da subjetividade na sociedade contemporânea. Segundo a autora, diferentes sites da *internet*, como os canais de vídeos do *YouTube*, espelham uma conduta que, se

11 Dardot e Laval destacam em sua obra que a lógica do sujeito que deve ser eficaz extrapola o âmbito do trabalho e adentra, inclusive em outras esferas da vida, tais como as relações pessoais, relacionamentos amorosos, vida sexual, estética e etc.

valorizada, validada pelo sucesso do próprio canal, torna-se um modelo para o público, internalizando um processo de autovigilância com o intuito de não ser rebaixado, mas encaixar-se no modelo e ser bem sucedido (BRUNO, 2013).

É dessa forma que pode ser entendida a produção do canal *O Primo Rico*. Ali Thiago Nigro não apenas ensina princípios de educação financeira e organização das finanças pessoais, mas atua como modelo de conduta, e, de maneira sutil, conduz seu público à reprodução de um modo de vida pautado essencialmente pela lógica do mercado, consolidando o modelo de “racionalidade neoliberal” descrito por Foucault em nossa sociedade.

SOCIEDADE MUDIATIZADA: COMUNICAÇÃO E CAPITAL

O desenvolvimento tecnológico das últimas décadas tem alterado substancialmente a maneira como a sociedade produz e consome informação. Ao refletir sobre o assunto na obra *A sociedade midiaticizada*, o professor e pesquisador Dênis de Moraes descreve uma conjuntura em que a velocidade e a quantidade de informação circulando expandem aceleradamente (MORAES, 2007). Através do aperfeiçoamento dos dispositivos digitais, notícias, entretenimento e mensagens estão acessíveis a apenas um toque de distância para um número cada vez maior de pessoas¹².

Um dos efeitos dessa reconfiguração dos processos comunicacionais é o aumento da interação das pessoas com a realidade mediadas por dispositivos eletrônicos. Trabalho, consumo, educação, lazer e relacionamentos são apenas alguns exemplos de atividades cotidianas que, cada vez mais, começam e terminam através desses aparelhos.

12 Segundo dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil (Cgi.br), 81% dos brasileiros acessaram a internet em 2021, sendo que o principal dispositivo é o celular, com a televisão em segundo lugar e o computador em terceiro.

Na tentativa de entender melhor este cenário, buscando suas implicações culturais, sociais e políticas, os pesquisadores da comunicação tem se debruçado sobre o fenômeno. Alex Primo, importante estudioso dos processos comunicacionais e *cibercultura* no Brasil, alerta para as dificuldades de se estudar a cultura midiática devido ao dinamismo de seus objetos, que estão se transformando constantemente. Outro obstáculo apontado pelo pesquisador são os maniqueísmos muito comuns acerca do tema, que opõem celebrações e utopias de um futuro democratizante facilitado pelas novas mídias digitais contra prognósticos catastróficos de alienação e dominação em níveis jamais alcançados antes (PRIMO, 2016). Segundo Primo, é preciso fugir deles e pensar a internet como complexificadora dos processos comunicacionais, observando que por trás dela atuam as mesmas ideias, interesses econômicos e estratégias políticas que agiam anteriormente com menos sofisticação de recursos.

Entender a internet como uma peça dentro da engrenagem que compõe o todo comunicacional em nossa sociedade não implica isentar a reflexão acadêmica de seu componente crítico, dando qualidade apolítica ou indiferente aos seus estudos. Diversos intelectuais da Comunicação são conhecidos pelo caráter crítico de suas reflexões. Como é o caso do pensador Muniz Sodré, que em seu livro *Antropológica do Espelho*, traz importantes reflexões sobre o panorama da comunicação na sociedade atual através do conceito de *midiatização*, que, nas palavras do próprio autor, consiste em

[...] uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional, a reboque de organizações empresariais e com ênfase num tipo particular de interação – a que poderíamos chamar “tecnointeração” caracterizada por uma prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada *médium*.

Para Sodré, a *midiatiza o* representa o processo de intensifica o das rela es através de dispositivos tecnológicos. Caracterizando o fenômeno como “tecnologia da sociabilidade”, aponta para o potencial transformador das rela es sociais nas sociedades contemporâneas devido ao uso exacerbado de dispositivos digitais de comunica o. Contudo, a reestrutura o dos processos comunicacionais não rompeu com o domínio da lógica capitalista sobre os meios de comunica o, algo que, para o pensador baiano, inviabiliza o caráter democratizante da internet e, ao invés disso, perpetua uma série de problemas tais como a explora o do trabalho, a manuten o da miséria e a domina o política.

Em sua análise, Sodré busca nas ideias de Aristóteles, uma maneira de mensurar o impacto da *midiatiza o* em nossa sociedade. Partindo da no o de *bios* do filósofo grego, que representa os diferentes campos de desenvolvimento da vida e atividade humana, cita três tipos de *bios* existentes, a saber, o *bios theoretikos*, que trata da vida contemplativa; o *bios politikos*, que envolve toda forma de a o política e, por último, o *bios apolaustikos*, referente   dimensão est tica, ou do corpo. Contudo, o aumento das intera es através da tecnologia agiria formando um quarto *bios*, que Sodré chama de *bios midiático*. Esse novo *bios*   orientado pelo mercado, estimulando o fascínio pela tecnologia e pelo consumo (SODRÉ, 2013, p.28).

Em um apontamento bastante crítico acerca da comunica o em nossos dias, Sodré destaca que o avanço tecnológico da internet não tem conseguido efetivar seu aspecto democratizante, tão comemorado inicialmente, devido   economia política em que todo o sistema está inserido. O resultado da sociedade midiatizada tem sido a realiza o de uma comunica o pautada pelo mercado e que, por isso, estimula a despolitiza o do debate público, produzindo em sua maioria discursos sensacionalistas, narcisistas e individualistas sobre a realidade como um todo (SODRÉ, p.64).

Quando se observa as produções do canal *O Primo Rico* no ano de 2020, percebe-se que os vídeos abordam o tema da economia no cenário da pandemia global da Covid-19, ressaltando a calamidade vivenciada pela humanidade, contudo, fazem isso a partir da perspectiva individual de perdas e ganhos sobre os investimentos pessoais. Logo a mensagem torna-se insensível, deixando em segundo plano seu potencial reflexivo, humanístico e transformador, funcionando como propaganda, ferramenta do sistema financeiro, que estimula a manutenção de um modelo econômico que oprime a muitos e perpetua a miséria. Os comentários críticos são em sua maioria ignorados, não abrindo espaço para o diálogo. Para Sodré, o esforço de refletir sobre essas produções, sobre a lógica que atua por trás delas, é um caminho para a reorientação crítica da Comunicação e consiste em um esforço fundamental para a transformação da nossa sociedade.

EDUCAÇÃO FINANCEIRA E NEOLIBERALISMO: BREVE RELATO SOBRE O CANAL O PRIMO RICO

O assunto dinheiro consiste em tabu no Brasil. De acordo com dados do Ibope para o jornal *O Estado de São Paulo*¹³, poucos brasileiros falam sobre finanças em ambiente familiar. Esse dado ajuda a explicar porque a educação financeira não é muito praticada no país, como revela a pesquisa sobre o tema realizada pela *S&P Ratings Services Global Financial Literacy Survey*¹⁴. Nela o Brasil figura em 74º lugar, ao lado de países muito mais pobres como Togo ou Zimbábue.

Contudo, existe um esforço para transformar essa realidade, ampliar a difusão de informações sobre o assunto e ensinar a população a valorizar o seu

13 Publicação do dia 04/04/2020.

14 *Pesquisa Global de Educação Financeira* realizada em 2019 pela divisão de ratings e pesquisas da *Standard & Poor's*.

dinheiro. Segundo analistas e consultores financeiros¹⁵ das principais assessorias do país, este movimento é impulsionado por uma série de fatores: as reformas nas relações de trabalho e previdência, que motivam as pessoas a procurarem algum tipo de “plano de seguridade” para suas vidas; o crescimento das *fintechs* ou empresas que oferecem serviços de investimento para as pessoas comuns, facilitando o acesso da população em geral a esses produtos e, por fim, a crise econômica advinda desde o fim do governo Dilma Rousseff e que foi agravada pela pandemia global da Covid-19. Além do setor privado, o governo federal também tem contribuído e recentemente incluiu a educação financeira na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o que ocasionou a parceria do MEC com a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) para a criação do programa *Aprender Valor*, que capacita as escolas para a inserção do tema em sua grade.

Apesar da iniciativa de empresas e governo, as principais fontes de informação sobre educação financeira no Brasil são informais e vêm através dos meios de comunicação. Uma pesquisa de 2018, intitulada *Hábitos Financeiros dos Brasileiros*¹⁶, aponta que programas de TV são a principal fonte de informação sobre o assunto preferida por 26% das pessoas, seguida pelo canal *YouTube*, com 25% e as redes sociais com 23%. Algo que pode ser percebido pelo crescimento dos números do segmento entre livros, programas de TV além de conteúdos na *internet*¹⁷.

Ao observar o contexto recente de expansão da educação financeira aliado

-
- 15 Informações apuradas através de matérias da *Revista Forbes* do dia 27/05/2021 disponível em seu site e da *Revista Exame* publicada em 11/07/2021.
 - 16 Produzida para a *Ricam Consultoria Empresarial*. A *Google* também participou recentemente da realização de outra pesquisa denominada *A Relação do Brasileiro com Dinheiro*, que aborda diferentes aspectos sobre o tema no país e apontam para o aumento do interesse geral sobre o tema.
 - 17 Alguns dados e informações sobre o tema: Em 2020, o livro do influenciador Thiago Nigro, *Do Mil ao Milhão Sem Cortar o Cafezinho*, foi o mais vendido no país; Nathália Arcuri, importante comunicadora do tema no país, em entrevista ao canal *O Primo Rico*, menciona que o Brasil é o país com mais influenciadores digitais do segmento financeiro do mundo, juntos, os principais influenciadores digitais do segmento possuem uma base de aproximadamente 100 milhões de seguidores.

à predominância dos meios de comunicação na informação sobre o tema no Brasil sob a ótica dos estudos de Michel Foucault, chama à atenção o papel das mídias na instituição de uma *governamentalidade* neoliberal, o que corrobora a análise de Moniz Sodré sobre o fenômeno da *midiatização* como espaço orientado pelo mercado.

Na impossibilidade de observar todo o ecossistema de produtos midiáticos sobre finanças na *internet*, optou-se apenas pelo canal *O Primo Rico*, isso por sua relevância no cenário nacional, e, também, porque Thiago Nigro entende o seu trabalho como comunicador além do entretenimento, mas com o objetivo de contribuir para a formação de uma comunidade de investidores no país, algo que considera fundamental para o desenvolvimento do Brasil. O recorte temporal das produções foi o ano de 2020, em que o cenário adverso da pandemia da Covid-19 ampliou a reflexão sobre a maneira como as pessoas têm vivido.

Como metodologia, foi escolhida a *análise de conteúdo*, de Laurence Bardin, devido ao seu cuidado com a seleção e tratamento das fontes trabalhadas, algo que auxilia muito na interpretação das mensagens. Além disso, a possibilidade de trabalhar conjuntamente com outras metodologias, como a *hermenêutica de profundidade*, de John B. Thompson, que valoriza a contextualização do objeto na construção de seu significado, algo que foi bastante trabalhado no decorrer do texto.

O Primo Rico foi criado em 2016 e é administrado por Thiago Nigro, um jovem empresário do segmento financeiro que decidiu investir na carreira de educador financeiro na *internet*. Desde a sua fundação, o canal cresceu bastante, tornando-se o segundo maior do país com aproximadamente 6 milhões de inscritos. Atualmente seu trabalho no *YouTube* é parte de um conglomerado que inclui a atuação em outras redes sociais, direção de uma plataforma de cursos online chamada *Finclass*, publicação de livros e materiais didáticos e a participação em treinamentos e palestras por todo o país.

Segundo o próprio Thiago, o objetivo do canal é auxiliar a pessoa comum a alcançar a tão sonhada independência financeira. Para isso, busca ensinar de forma acessível ao público comum, princípios de organização das finanças pessoais, sucesso no mercado de trabalho e investimentos. Seu vocabulário, apesar de descontraído, vem recheado de conceitos muito comuns entre os empresários e economistas, além de uma série de referências a grandes nomes do capitalismo, de modo que figuras como Warren Buffet, Bill Gates, Jeff Bezos e tantos outros são comumente citados nos vídeos do canal.

No ano de 2020 foram produzidos 89 vídeos que podem ser divididos nas seguintes categorias: 1. videoaulas sobre investimentos; 2. *skin in the game*, vídeos em que Thiago mostra a própria carteira de investimentos enquanto opera seus ativos; 3. análise de conjuntura, em que Thiago examina a economia e o mercado a partir de alguma notícia recente; 4. vídeos formadores em que Thiago elenca características de uma pessoa de sucesso; 5. um documentário dividido em duas partes chamado *O código da riqueza*; 6. *lives* contendo palestras e convidados e, por fim, 7. um pequeno *reality show* chamado *Desafio 777*. Os conteúdos são postados duas vezes por semana, geralmente às terças-feiras e quintas-feiras, contudo houveram muitos vídeos extras devido ao contexto extraordinário e mudanças no panorama econômico por causa da pandemia da Covid-19.

A maioria das produções é feita em estúdio, e nelas Thiago Nigro dialoga com o espectador, motivando a interação através dos comentários e, também, com o editor, Kaique Torres. Dentre as produções, existem algumas mais técnicas, em que Thiago utiliza slides ou aparece escrevendo em uma pequena lousa, enquanto ensina funções do mercado de investimentos. Contudo o tom das falas é bastante informal, algo reforçado pela decoração do estúdio, bem jovial com objetos de decoração que remetem ao universo *dos games* e *quadrinhos*, além do próprio visual de Thiago, sempre com roupas casuais e confortáveis.

Quanto ao seu conteúdo, as produções do ano de 2020 propagam uma visão individualista acerca da relação entre economia e a crise no contexto da pandemia da Covid-19. No canal não há espaço para reflexões sobre problemas estruturais da economia ou do mercado financeiro. A postura de Thiago sobre os problemas existentes no mundo é descrita pelo comunicador como realista, mas soa um tanto resignada, além de insensível em relação aos problemas sociais do país.

Diante da crise causada pela pandemia da Covid-19, o objetivo de Thiago Nigro segue o mesmo, enriquecer. E para isso, dois pilares fundamentais orientam as lições do canal: o primeiro se refere à necessidade de agir sempre racionalmente e não se deixar abalar pela emoção quando o assunto é economia. Essa seria a causa do fracasso de muitas pessoas. O sucesso vem da resiliência em momentos adversos, por isso, é fundamental o controle racional das decisões. O segundo pilar indica que no capitalismo as crises são imprevisíveis e inevitáveis, contudo, toda crise é também um período de oportunidade, e para ser bem sucedido, é preciso estar sempre preparado para as crises e atento às possibilidades que surgem em um contexto ruim.

Essa forma de enxergar a economia pessoal no ano de 2020 pode ser exemplificada pelo vídeo *O mundo derretendo e o Ibovespa bombando, o que aprendi com a crise de 2020*. Nessa produção de 12 minutos, Thiago Nigro aponta algumas lições que reforçam os princípios individuais neoliberais, tais como estratégia, resiliência e proteção do patrimônio. Sua análise é ausente de qualquer componente social ou político, endossando a visão neoliberal que naturaliza o mercado e suas leis, agindo como um “telos inevitável” na experiência humana. É possível notar também que a irracionalidade do mercado é percebida, estando presente até mesmo no título do vídeo, contudo não é questionada, mas aceita sem maiores preocupações. Melhor do que entender é aprender a lucrar.

CONCLUSÕES

Quando a pandemia da Covid-19 confinou a maioria da população em suas casas, deu-se a impressão de que o mundo poderia refletir sobre a reorganização de muitos dos seus fundamentos perpetuadores da pobreza. Mas infelizmente o que se presenciou foi a intensificação dos dispositivos neoliberais na organização do trabalho e da sociedade acentuando as desigualdades e miséria entre as pessoas.

O aumento da busca por informações na área da educação financeira, como é o caso do canal *O Primo Rico*, endossa o domínio do capital sobre a sociedade e seus valores, além de apontar para o papel importante dos meios de comunicação na propagação desses princípios. Em tempos de crise, valeu o individualismo neoliberal, o “salve-se quem puder”, através do esforço por uma estratégia de enriquecimento em momentos difíceis. Ao indicar a intensificação das medidas neoliberais como caminho para a superação da crise, Thiago Nigro atuou, mesmo que indiretamente, como advogado daqueles que postularam em favor dos interesses do capital acerca do enfrentamento da pandemia, colocando-se ao lado dos grandes conglomerados econômicos, empresários multimilionários e, até, do governo federal brasileiro. Além disso, ao se apresentar como modelo de conduta, reproduzindo princípios do *homem empresa* neoliberal, demonstra mecanismos da governamentalidade neoliberal que atua através da mídia em nossa sociedade (BRUNO, 2013).

Um dos caminhos para confrontar essa realidade perversa, abrindo espaços para a transformação, passa pelo pensamento crítico. E em tempos de uma cultura digital tão acentuada, toda crítica ao modo de produção capitalista deve incluir o olhar para os meios de comunicação. Propor a reflexão sobre o seu funcionamento, buscando formas de atuação menos subservientes aos interesses do capital, é

<https://doi.org/10.23925/2318-5023.2022.n6.e60864>



pensar o potencial contra-hegemônico, revolucionário das mídias, que podem contribuir para a transformação da nossa sociedade sob pilares mais humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Coimbra: Edições 70, 2002.
- BROWN, W. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.
- BRUNO, F. *Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- DARDOT, P. & LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.
- FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- JENKINS, H. *Cultura da convergência*. São Paulo: Editora Aleph, 2009.
- LAVAL, C. *Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal*. São Paulo: Elefante, 2020.
- MORAES, D. “A tirania do fugaz: mercantilização cultural e saturação midiática”, In: MORAES, D. (Org.) *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- PRIMO, A. “Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática”, In: PRIMO, a. (Org.) *Interações em rede*. Porto Alegre: Sulina, 2016.
- SODRÉ, M. *Antropológica do espelho*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- THOMPSON, J. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.